

A ARTE DE TECER TARRAFAS DE PESCA EM UM MUNICIPIO DA REGIÃO SEMIÁRIDA DE PERNAMBUCO - BRASIL

THE CRAFT OF HAND-WEAVING CAST NETS IN THE SEMIARID REGION OF PERNAMBUCO - BRAZIL

Estevão Jordão NEVES¹, Dario Rocha FALCON^{1,2}, Shana Sampaio SIEBER², José

Carlos Pacheco dos SANTOS¹ & Diogo Martins NUNES^{1,2*}

¹Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Fazenda Saco, s/n – CEP: 56900-000 – Serra Talhada – PE – Brasil

²Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido (UAST/UFRPE). Fazenda

Saco, s/n – CEP: 56900-000 – Serra Talhada – PE – Brasil

*E-mail: diogoidnunes@gmail.com

Recebido: 16/01/2019 Publicado: 11/06/2019

Resumo - A pesca artesanal apresenta reconhecida importância na produção de alimentos no Brasil, principalmente na região Nordeste, onde está situada a região do Sertão do Pajeú, no Estado de Pernambuco. Nesse sentido, um grande contingente de pescadores atua em rios e reservatórios da região, não apenas exercendo a captura do pescado, mas também trabalhando na confecção das artes de pesca. Compreendendo esse cenário, o presente estudo objetivou compreender e aprofundar os aspectos relacionados à confecção de tarrafas de pesca. Assim, entre os meses de janeiro e junho de 2016, foram selecionados pescadores que confeccionavam tarrafas de pesca, através do método de coleta de informações baseado na amostragem bola de neve. A pesquisa foi realizada em duas fases, sendo que na primeira delas foram realizadas entrevistas livres e, a partir da sensibilização do público alvo, seguiu-se com entrevistas semiestruturadas baseadas em questionários e observações diretas. As entrevistas foram realizadas com os pescadores em seus respectivos locais de trabalho ou residências. Como resultado foram identificadas 20 pessoas que

atuam na confecção de tarrafas de pesca na cidade de Serra Talhada, todos do sexo masculino, com idades que variaram de 34 a 88 anos, considerados nesse trabalho como mestres tarrafeiros, pois seguem conduzindo essa arte de tecer tarrafas de pesca manualmente.

Palavras-Chave: pesca artesanal; arte de pesca; mestres tarrafeiros; nordeste; sertão do pajeú.

Abstract - The importance of artisanal fishing is well recognized for the Brazilian food industry, specially in the Northeastern region, where Sertão do Pajeú is located in the State Pernambuco. Therefore, a great number of fishermen lives of the rivers and basins in this region not only for fishing but also for the confection of fishing tackle. The present article therefore aimed at exploring the issues related to the artisanal weaving of fishing nets. The selection of fishermen engaged in hand-weaving cast nets was conducted from January to June 2016 through the snowball sampling technique. The research was divided into two stages, the first of which is characterized by unstructured interviews that

promoted awareness with the target audience, after which the semi-structured interviews based on questionnaires and direct observation were conducted. The interviews were conducted with fishermen at their work site or their residences. As a result, 20 fishermen were identified as responsible for hand-weaving cast nets in Serra

Talhada, all of whom were men, aged from 34 to 88 years old. These men are considered cast nets masters as they carry on the tradition of hand-weaving fishing cast nets.

Keywords: artisanal fisheries; fishing gear; fisherman; northeast; *sertão* of pajeú.

Introdução

Nos reservatórios de água da região semiárida de Pernambuco é observada a prática de atividades ligadas à pesca artesanal, que segundo Diegues (1973) são pescadores engajados na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar ou não assalariada. Recentemente, com a aprovação da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, consideram-se atividade pesqueira artesanal também, os trabalhos de confecção e de reparos de artes de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal.

Historicamente, o pescador artesanal ou de pequena escala esteve alheio ao processo de desenvolvimento do setor pesqueiro nacional (Diegues, 1999; Oliveira & Silva, 2012; Lima & Callou, 2015). Apenas a partir de 2003, com a criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, transformada em Ministério da Pesca e Aquicultura, através da Lei nº 11.958 de 26 de junho de 2009 (atualmente extinto), que o Governo Federal iniciou uma missão de resgate das dívidas herdadas pela pesca artesanal desde a época da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) e Marinha do Brasil (Carvalho & Callou, 2008). Atualmente, com a extinção do MPA desde o ano de 2016 e o cenário político conturbado a pesca artesanal volta a ficar relegada, com a descontinuidade de vários programas e direitos sendo questionados.

Ser pescador artesanal parece estar associado ao modo de vida e a visão de pertencimento a esse grupo social particular (Diegues & Arruda, 2000). No entanto, o desaparecimento de comunidades pesqueiras e de espécies de peixes, observado por algumas pesquisas (Azevedo-Santos, Costa-Neto & Lima-Stripari, 2010; Oliveira & Silva, 2012), tem levado a uma série de problemáticas que hoje se reconhece no âmbito do cenário ambiental, social e econômico, acarretando não apenas a migração de grande contingente de pescadores para as cidades, em busca de emprego e, em alguns casos, subempregos, mas, principalmente, uma tendência de pulverização do conhecimento tradicional (Diegues & Arruda, 2000).

Neste contexto, estudos que visam o resgate de um conhecimento empírico relacionado à arte de pesca desses pescadores que se encontram à deriva de situações de risco, econômicas e sociais, são interessantes enquanto estratégia de valorização de conhecimento através de uma atitude dialógica com o saber acadêmico/técnico.

Dessa forma, o presente estudo pretendeu assim aprofundar o conhecimento sobre as técnicas tradicionais de confecção das tarrafas de pesca, registrando não apenas o processo construtivo, mas também de aspectos desse grupo social e a importância dessas artes de pesca manuseadas entre os pescadores artesanais a partir do município de Serra Talhada, Sertão do Pajeú.

Materiais e Métodos

Área de Estudo

O município de Serra Talhada possui área territorial de 2.980 km² e população estimada de 84.970 habitantes pelo último senso do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), resultando em uma densidade demográfica de 26,59 habitantes/km². Nesse contexto, 77,3% das residências são localizadas na área urbana, 52,3% da população são mulheres e o município possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,661 (IBGE, 2016).

A cidade de Serra Talhada está localizada na Mesorregião do Sertão Pernambucano, microrregião do Sertão do Pajeú, pertencente a Bacia Hidrográfica do Rio Pajeú (Figura 1). Está também inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja que representa a paisagem típica do semiárido nordestino, com clima do tipo tropical semiárido, com chuvas de verão, e um período chuvoso que se inicia em novembro até abril com precipitação média anual de 431,8 mm (CPRM, 2005). Os dados de pluviosidade foram coletados através da Agência Pernambucana de Águas e Climas (APAC) perfazendo uma série histórica de 10 anos e especificamente no ano de 2015.

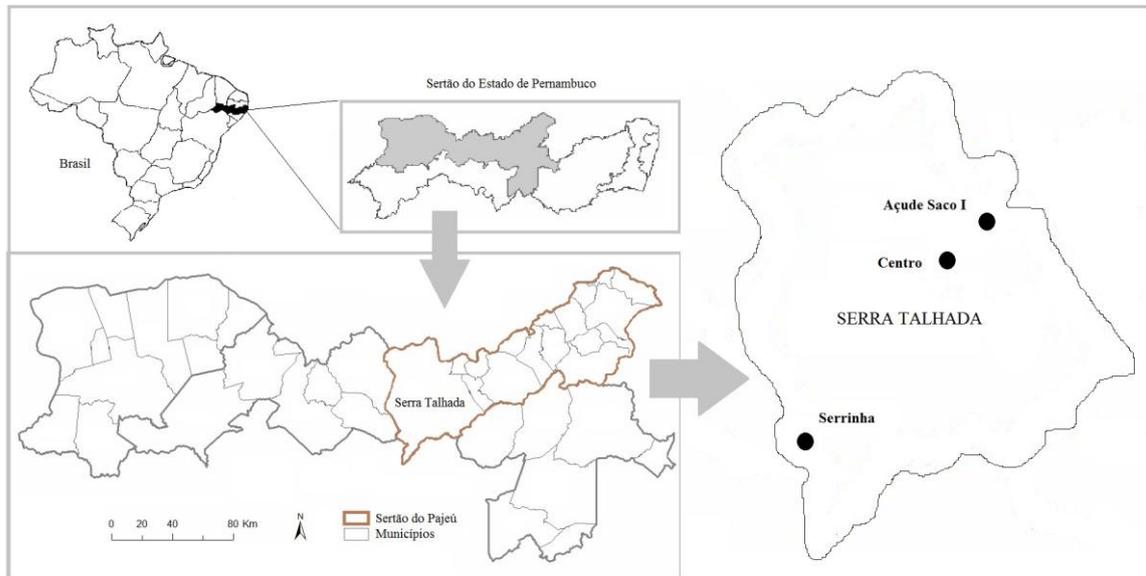


Figura 1. Localização do município de Serra Talhada, situado na microrregião do Sertão do Pajeú, Estado de Pernambuco, Brasil (Adaptado da Base Cartográfica do IBGE).

Por outro lado, as características do clima semiárido aliadas à alteração antropogênica do habitat natural, faz com que seja considerada área em processo de desertificação (SECTMA, 2004). Por isso, com o objetivo de amenizar os efeitos da seca, algumas ações e planos de defesa foram executadas, dentre elas, encontra-se a construção de açudes e barragens para a acumulação de água (DNOCS, 1946).

Os principais corpos de acumulação de água no município de Serra Talhada são: Açude Cachoeira II - construído em 1965 com capacidade de 21.031 m³; Barragem de Serrinha - capacidade de 311.000 m³; Açude do Saco I - construído em 1936 com capacidade de 36.000 m³ e Barragem do Jazigo (CPRM, 2005). Os locais de amostragem então envolveram o Açude do Saco I e Barragem de Serrinha, ambos distantes do centro da cidade de Serra Talhada 12,4 km e 43,3 km, respectivamente, bem como outras localidades na zona urbana e rural.

Procedimento metodológico

O presente trabalho foi desenvolvido entre janeiro e junho de 2016 e foram realizadas entrevistas do tipo livres ou abertas para a sensibilização do público alvo, seguindo-se de entrevistas semiestruturadas baseadas em questionários e observações diretas dos artesãos nos locais de trabalho ou residência. Os roteiros semiestruturados compreenderam perguntas relativas aos aspectos sociais, ambientais, culturais e econômicos dos pescadores artesanais, como também informações relativas à arte de pesca em questão (tarrafa), ou seja, dimensões, características, materiais, ferramentas e especificações técnicas.

Para a seleção dos pescadores artesãos que contribuíram com a presente pesquisa foi utilizado o método de coleta de informações baseado na amostragem bola de neve (*snowball sampling*), enquanto estratégia qualitativa de incursão ao campo empírico estudado (Biernacki & Waldorf, 1981), por apresentar menores custos e pessoal quando comparado com outras técnicas (Pieve, Kubo & Souza, 2009) e pela sua eficiência na pesquisa com populações relativamente isoladas e de difícil acesso (Sadler, Lee, Lim & Fullerton, 2010).

Assim, foram definidos como população-alvo pescadores artesãos que confeccionam tarrafas no município de Serra Talhada e como *sementes*, os indivíduos que poderão indicar ou mesmo participar como iniciadores da aplicação dos questionários (geralmente pessoas mais velhas e experientes), pescadores que são lideranças comunitárias e/ou participaram de atividades realizadas

nas dependências da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAST/UFRPE).

Resultados

Ao término da pesquisa foram entrevistados e consultados 20 pescadores artesãos de tarrafas de pesca, sendo nove residentes da área urbana de Serra Talhada, cinco moradores do Bairro da Bomba, dois do Alto do Bom Jesus, um do Alto da Conceição e mais um do Centro da cidade. Destes, 11 residem na área rural, próxima aos reservatórios da região, dos quais três são da comunidade de Xique Xique, dois são moradores da comunidade de Serrinha e cinco são da comunidade conhecida como IPA, que recebeu este nome em alusão ao Instituto Agrônomo de Pernambuco, que tem sua sede às margens do Açude Saco I, local onde o povoado está localizado.

Os principais locais em que os artesãos são encontrados realizando as atividades de confecção das tarrafas de pesca são seus locais de trabalho e suas respectivas residências (barbearia, varanda e quintal de casa, por exemplo) (Figura 2). Todos os entrevistados eram do sexo masculino, o que nos mostra que, culturalmente, a confecção de tarrafas de pesca, no presente campo de estudo, pode ser considerada uma atividade estritamente masculina.



Figura 2. Fotografia com um dos entrevistados realizando a confecção de uma tarrafa de pesca em frente a sua residência na área urbana de Serra Talhada – PE (11/06/2016).

As idades dos artesãos entrevistados variaram entre 34 e 88 anos. Todos têm baixa escolaridade e renda familiar majoritariamente de até dois salários mínimos, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos pescadores artesãos de tarrafas de pesca entrevistados no município de Serra Talhada – Pernambuco (Brasil).

Informações	Resultados (n=20)
Faixa etária dos informantes	Idade mínima = 34 anos Idade máxima = 88 anos Idade média = 58 anos
Origem dos artesãos	Serra Talhada = 75 % Outros locais = 25 %
Escolaridade	Não frequentou escola = 35 % Ensino fundamental incompleto = 55

	%
	Ensino médio completo = 10 %
Profissão que exerce	Pescador = 15 %
	Agricultor = 5 %
	Operador de máquina = 10 %
	Marceneiro = 10 %
	Mecânico = 5 %
	Motorista = 15 %
	Vigilante = 20 %
	Barbeiro = 10 %
	Aposentado = 10 %
Renda familiar	< de um salário mínimo = 25 %
	De um a dois salários mínimos = 60 %
	> que dois salários mínimos = 15 %
Membros da família	até dois membros = 35 %
	de 3 a 5 membros = 55 %
	de 6 a 10 membros = 10 %

Apesar dos pescadores artesãos serem adultos acima dos 30 anos, 60% afirmam que começaram a desempenhar a função na adolescência (até 15 anos) e que essa arte foi ensinada preferencialmente por pais e parentes (70%).

Os pescadores artesãos tem opinião unânime quanto à importância do repasse do conhecimento na confecção de tarrafas de pesca para as futuras gerações, no entanto, apenas 40% dos entrevistados já repassaram a técnica para outra(s) pessoa(s) e, destes, 50% ensinaram a técnica a filhos ou outros parentes. Esses números demonstram a falta de interesse dos jovens em aprender a arte da confecção de tarrafas de pesca.

Durante as entrevistas, alguns artesãos relataram que a problemática referente ao repasse do conhecimento da confecção das tarrafas está relacionada, entre outros fatores, ao fato dos jovens não se interessarem pela arte desempenhada pelos pais devido aos atrativos advindos da era digital (*smartphones, tablets, etc.*) ou devido às mídias digitais que convocam cada vez mais adeptos.

No ato da entrevista, 80% dos entrevistados praticavam ativamente a arte de confeccionar tarrafas de pesca e os outros interromperam suas atividades devido à estiagem e, conseqüentemente, ao baixo volume dos reservatórios, que limita a capacidade dos estoques, afetando a produtividade da pesca nessas águas. A Figura 3 aponta a relação entre os períodos de maiores precipitações na região e a procura desses artesãos por pescadores ou populares para encomendar suas tarrafas de pesca e aproveitar o período chuvoso.

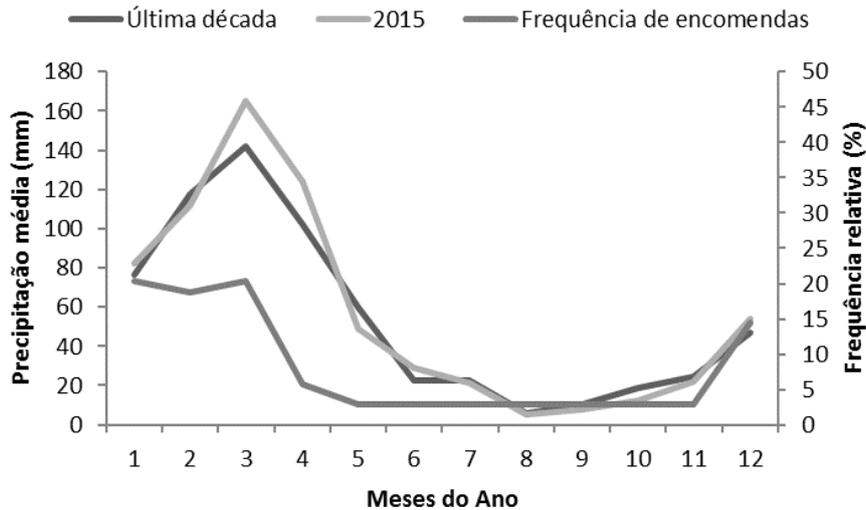


Figura 3. Comparação entre os valores de precipitação média dos últimos dez anos e para o ano de 2015 no município de Serra Talhada – PE, com os resultados das entrevistas sobre a quantidade de encomendas recebidas ao longo do ano.

Esse cenário reflete o número de encomendas recebidas por ano. Nele observamos o baixo número de encomendas que os artesãos recebem ao longo do ano, ou seja, apenas 35% dos entrevistados chegam a receber até 20 encomendas em um período de 12 meses; os outros 65% recebem até 10 encomendas apenas. Essa relação entre pluviosidade e produtividade pesqueira em águas continentais acontece, principalmente pelo efeito do aumento do volume dos rios e reservatórios que promovem a migração de espécies no período reprodutivo, elevando assim os índices de captura desses animais.

Quando avaliamos os custos de produção (máximo de 150 reais), os preços de venda sugeridos pelos artesãos (máximo de 500 reais) e o tempo decorrido para concluir a confecção de uma tarrafa de pesca (de até 90 dias), percebemos o quanto oneroso é para o artesão realizar sua prática (Figura 4). Essa falta de atrativo financeiro afasta a curiosidade dos mais jovens; os antigos continuam a prática da tarrafa por gosto e tradição, no intuito de manter uma cultura e um conhecimento que precisa ser valorizado e cultivado. Nesse caso, não é o viés financeiro que prevalece, é a tradição, a cultura, o modo de vida simples pautado nas relações sociais edificadas ao longo da história, que demonstra a capacidade de preservação dessa arte.

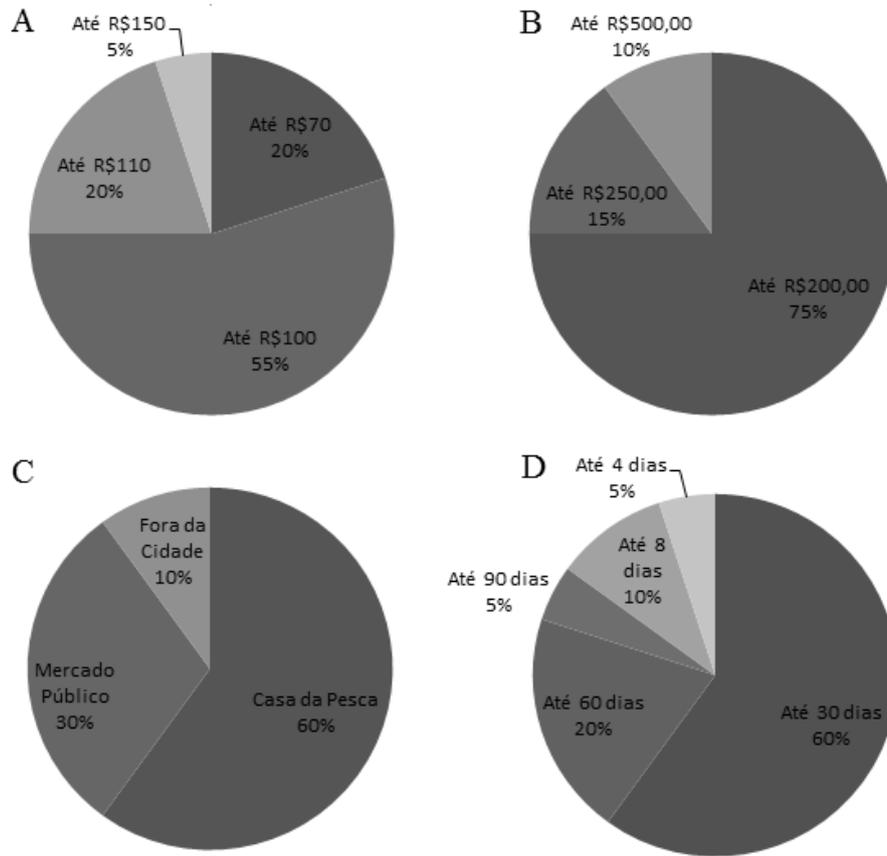


Figura 4. Custos de produção (A), preço de venda (B), locais de aquisição de matéria prima (C) e tempo de confecção (D) de uma tarrafa de pesca no Sertão do Pajeú – PE (Junho/2016).

Foi observado que 60% dos entrevistados adquirem a matéria prima para confecção das tarrafas de pesca em um único estabelecimento comercial na cidade de Serra Talhada, enquanto outros 40% compram seus insumos no mercado público local, ou em outras localidades fora da cidade. O principal insumo para confecção de tarrafas de pesca é a Poliamida (PA) (*Nylon*). A panagem da tarrafa é confeccionada basicamente dessa fibra, incluindo também a “tralha de chumbo” (linha que acondiciona os pesos geralmente de polipropileno), os pesos (chumbo) e a linha de mão (geralmente fabricada de polipropileno ou poliéster; Figura 5).

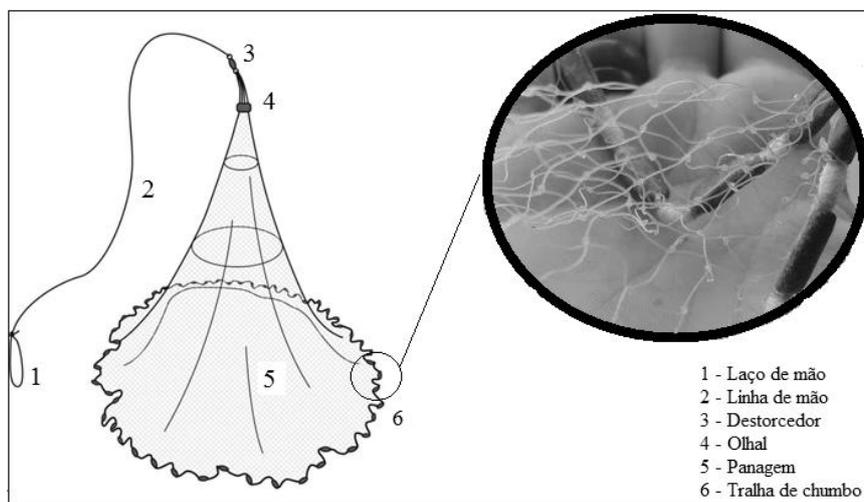


Figura 5. Desenho esquemático de uma tarrafa de pesca descrevendo seus principais componentes e no detalhe parte da “panagem” e da “tralha de chumbo” (Fonte: o autor).

Para confecção de uma tarrafa de pesca são necessários conhecimentos específicos de “nós” para fiação das malhas e das “crescências” devidas, para que a tarrafa tome a forma de cone, ou seja, na medida em que a “panagem” é construída, são acrescentadas algumas malhas, em locais pré-definidos, para que a mesma atinja o perfil desejado (Figura 6). Esse é o ponto chave nesse processo de confecção, pois é nele que se define a eficiência da tarrafa no momento da abertura da mesma para capturar cardumes.

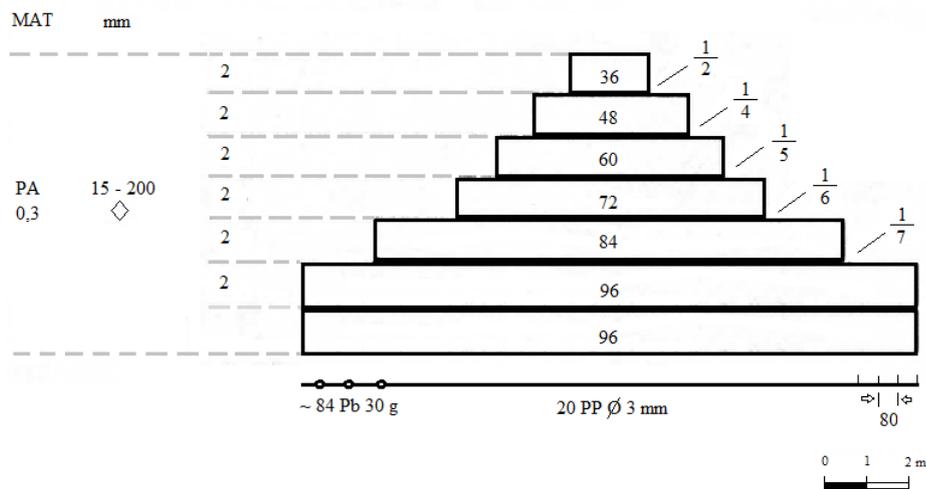


Figura 6. Detalhes de um desenho técnico tomado como exemplo para ilustrar as características de uma tarrafa de pesca e sua forma de confecção (Fonte: o autor).

Com esse conhecimento específico de nós, de malhas e das crescências, com os insumos adequados (poliamida, linhas e pesos), bastam duas ferramentas simples para execução da tarefa. São elas: o gabarito e as agulhas (Figura 7).

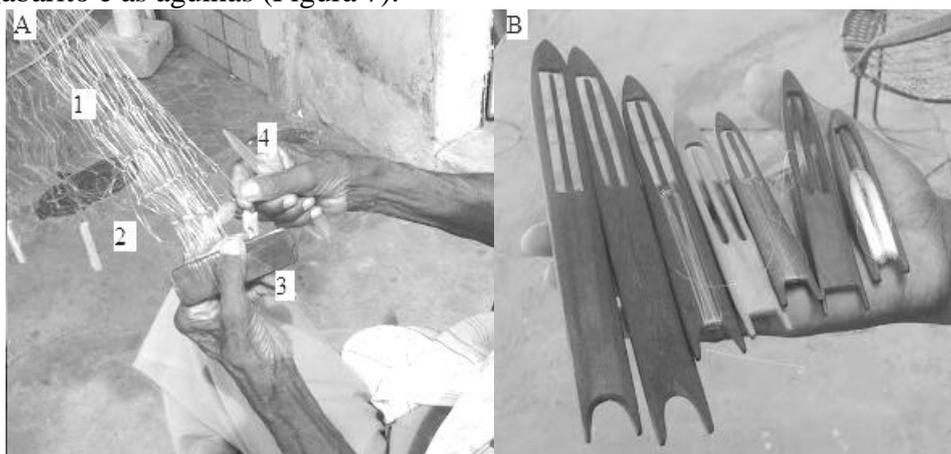


Figura 7. Duas principais ferramentas utilizadas na arte de confeccionar tarrafas de pesca no Sertão do Pajeú –PE (A1-Panagem; A2-Pregador de Varal; A3-gabarito; A4-agulha e; B-agulhas de diferentes tamanhos e formas).

A primeira ferramenta, também conhecida como “padrão” ou “malheiro”, é fundamental nesse processo, pois a altura dessa peça é exatamente igual a metade do comprimento de malha desejado, medido entre nós opostos. Assim, o gabarito é exatamente a ferramenta que define o tamanho da malha no processo

construtivo. A segunda ferramenta, a agulha, serve para acondicionar a linha de poliamida e agir no direcionamento dessa linha no processo de fiação, através da execução dos nós sobre o gabarito.

As dimensões de uma tarrafa de pesca variam de acordo com a preferência do pescador, das espécies e dos locais que se deseja pescar. São comuns as tarrafas de pesca receber o nome de espécies que são alvo da mesma, como, por exemplo, as piabeiras, em alusão a espécie de peixe vulgarmente conhecida como piaba, que é bastante capturada com tarrafas em reservatórios da região.

No entanto, as entrevistas indicaram que na região estudada existe um padrão definido, seguido pelos profissionais, de acordo com as espécies encontradas. Quanto ao comprimento de malha, segundo os informantes, as tarrafas de pesca mais procuradas, foram as de malha sete, que têm 70 mm de medida entre nós opostos. Esse tamanho de malha é geralmente encontrado em redes de emalhar por toda a região, pois para os pescadores esse é um comprimento razoável entre os extremos encontrados (15 a 140 mm), capaz de capturar uma ampla variedade de tamanhos de peixes. Já para o comprimento das tarrafas, todos os artesãos utilizam o “palmo” como unidade de medida, assim como para o “saco” da rede. O “palmo” pode ser entendido como uma unidade de comprimento com a mão toda aberta, medido do polegar ao dedo mínimo, cuja distância está em torno de 22 cm. Assim, neste trabalho foram encontrados comprimentos de tarrafa entre 264 a 374 cm (12 a 17 palmos) e de “saco”, entre 66 a 88 cm (3 a 4 palmos).

Finalizando, quando perguntados se dominam muito bem a técnica de confecção de tarrafas e por isso podem ser considerados de “mestres tarrafeiros”, percebemos que 60% dos entrevistados responderam afirmativamente e os restantes concluíram que não podem ser considerados “mestres tarrafeiros”.

Discussão

Os resultados apresentados parecem seguir um padrão nacional para o setor pesqueiro artesanal, com a atividade sendo realizada por adultos, com baixo grau de instrução e renda familiar (Maruyama, Castro & Paiva, 2009; Lima, Doria & Freitas, 2012; Ramires, Clauzet, Rotundo & Begossi, 2012). Outro aspecto relevante é a quantidade de atividades profissionais desempenhadas pelos artesãos alheias a pesca, como forma de adquirir uma renda extra, como agricultor, marceneiro e vigilante, por exemplo. Nesse sentido a aposentadoria também exerce um papel importante.

Em 2012 no Brasil existiam 1.041.967 pescadores inscritos no Registro Geral da Pesca (RGP), destes, 489.724 são da região Nordeste, sendo 13.128 pescadores registrados no estado de Pernambuco. Do total de profissionais registrados em território nacional, cerca de 60% são do sexo masculino, demonstrando que, apesar dos avanços adquiridos através de políticas públicas para valorização da mulher pescadora e igualdade de gêneros, os homens ainda são maioria nessa atividade (MPA, 2012). Contudo, contraditoriamente, 57% dos entrevistados afirmaram que o aprendizado da arte de confecção de tarrafas de pesca foi estimulado pela mãe. Tal fato se deve, como bem colocado por Maneschky, Siqueira & Alvares (2012), às múltiplas funções domésticas e de geração de renda, o que o autor denomina de “pluriatividade”, dessas mulheres pescadoras, contribuindo para falta de reconhecimento profissional e de seus trabalhos.

Ainda sobre a inscrição no RGP, apesar da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, determinar que sejam consideradas atividades pesqueiras artesanais os trabalhos de confecção e de reparo de redes de pesca (Brasil, 2009), a pesquisa apontou que apenas 25% dos entrevistados possuíam o referido registro. Esse número reflete a unanimidade dos entrevistados afirmarem que possuem outras atividades como fonte principal de renda, haja vista não apenas o baixo rendimento obtido através da confecção de tarrafas de pesca (inferior a 10% da renda familiar), como também a necessidade de terem a pesca como fonte principal de renda para justificarem a inscrição no RGP. Em contrapartida, 90% responderam que ainda realizam atividades de pesca com tarrafas nos reservatórios da região.

A necessidade de começar a trabalhar jovem para ajudar na renda familiar é notória e está presente na vida dos artesãos. Essa relação pode criar empecilhos na formação escolar desse grupo, gerando baixo grau de instrução, devido a dificuldade de conciliar estudo e trabalho, conforme observado na presente pesquisa. Os resultados mostraram que 35% dos entrevistados não

frequentou a escola, 55% têm o ensino fundamental incompleto e apenas um artesão concluiu o ensino médio. Essa é uma realidade no setor pesqueiro artesanal, como aponta Alencar & Maia (2011) que aproximadamente 75% dos pescadores (as) brasileiros possuem o ensino fundamental incompleto. Esse quadro é idêntico ao da região Nordeste, especificamente o estado de Pernambuco (Lira et al., 2009).

Quando avaliamos o repasse oral e interesse dos jovens na confecção de tarrafas de pesca, a problemática dá-se também ao fato dos próprios pais, mestres tarrafeiros, por terem vivenciado todo sofrimento familiar para conviver com as mazelas da sociedade moderna, não querem que seus filhos experimentem dessas mesmas dificuldades. Assim, talvez como mecanismo de “proteção”, tentam manter seus filhos afastados do ofício de artesão, sugerindo que eles continuem estudando a fim de terem profissões formais que lhes permitam uma situação financeira e uma qualidade de vida diferente das que eles tiveram. Essa “modernidade trágica”, no entanto, promove a expropriação do modo de vida tradicional dos pescadores, forçando muitas vezes à inclusão desses no mercado formal, como ocorreu com o pequeno agricultor no Brasil (Silva & Neto, 2015).

No contexto das políticas públicas o discurso oficial que foi apresentado a partir de 2003, com a criação da SEAP/PR, esteve atrelado ao resgate das dívidas sociais, culturais, econômicas e ambientais, mas o que se pode observar com o passar dos anos, de acordo com Mendonça & Valencio (2008), e, principalmente a partir de 2009, com a criação do MPA, é um distanciamento entre o discurso e a prática, com as políticas empreendidas objetivando um modelo de modernização semelhante ao anterior, que não considera o saber-fazer tradicional. Esse modelo, além de trazer prejuízos sociais e culturais, de acordo com Mesquita & Isaac-Nahum (2015), acarreta em problemas ambientais irreversíveis do ponto de vista da produtividade pesqueira (Dias-Neto, 2010) e da saúde dos ecossistemas, como podemos observar nos recentes casos de contaminação por cianotoxinas dos reservatórios de Serrinha e Jazigo, como fruto de uma gestão inadequada dos recursos hídricos da maior bacia hidrográfica do Estado de Pernambuco, a do Rio Pajeú.

Em pesquisa realizada na região ainda não publicada (DMN, comunicação pessoal), foram identificados 16 diferentes tipos de fibras utilizadas na confecção de artes e embarcações de pesca, incluindo fibras naturais e sintéticas. Inclusive a poliamida figura como principal componente entre todas as artes. Nesse contexto, Nery (1995) aponta que apesar de importantes, os trabalhos que analisam aspectos sociais, ambientais, econômicos ou políticos a que a pesca está sujeita, o conhecimento das artes e embarcações de pesca possui grande significação no tocante à natureza de como são artesanalmente criados e/ou fabricados.

Os dados obtidos através da pesquisa realizada no município de Serra Talhada convergem com o pensamento de Nery (1995) quando afirma que o advento das fibras sintéticas (poliamida principalmente) em detrimento das fibras naturais (especialmente vegetais) e consequente industrialização das “panagens” de redes, não interferiram decisivamente, ainda, no saber-fazer dos pescadores artesanais, pois essas ainda precisam de acabamento, montagem e reparos. No caso das tarrafas, esse saber-fazer tradicional não foi afetado diretamente devido as qualidades de uma tarrafa confeccionada manualmente em detrimento das fabricadas industrialmente, evidenciando a preferência dos pescadores artesanais por tarrafas fabricadas a mão.

Conclusões

Tendo em vista os aspectos observados na pesquisa desenvolvida com os pescadores artesãos de tarrafa no município de Serra Talhada-PE, concluímos que o trabalho desses profissionais está diretamente relacionado à perpetuação da cultura da pesca artesanal na região do Sertão do Pajeú. Após a análise dos dados obtidos, percebemos, através das falas dos entrevistados, que o principal fator que dificulta a preservação da arte de confecção de tarrafas é a falta de interesse dos jovens em aprender este ofício. Fica evidente que, devido à globalização, vem acontecendo uma inserção cada vez maior de diferentes matrizes culturais na realidade desses jovens, o que tem resultado em

gradativas mudanças nos costumes dos indivíduos e tem posto em risco diversas práticas que antes eram essenciais para a subsistência dessa população. Ao concluirmos este trabalho, esperamos dar o primeiro passo na problematização e discussão da real ameaça que a pesca artesanal vem sofrendo, bem como alertar a sociedade e o poder público a respeito da importância da criação de políticas culturais que visem à valorização e preservação do trabalho dos mestres tarrafeiros, a fim de que esta arte possa ser reinventada e assim perpetuada pelas próximas gerações.

Agradecimentos

Somos gratos imensamente a todos os pescadores artesãos pela participação, bem como a Colônia de Pescadores Nossa Senhora da Aparecida e Associação de Moradores do Assentamento Nova Aliança, pela articulação e sensibilização para realização da pesquisa, na Barragem de Serrinha e no Açude Saco I, respectivamente.

Referências

- Alencar, C.A.G. & Maia, L.P. (2011) Perfil socioeconômico dos pescadores brasileiros. *Arquivos de Ciências do Mar. Fortaleza*, 44(3): 12 - 19.
- Biernacki, P. & Waldorf, D. (1981) Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, Thousand Oaks, CA, 10(2): 141 – 163.
- Brasil. Ministério da Pesca e Aquicultura. Boletim estatístico da pesca e aquicultura: Brasil 2012. Brasília: MPA, 2012.
- Carvalho, F. E. A. & Callou, A. B. F. (2008) Extensão pesqueira e desenvolvimento local: a experiência da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca no Estado de Pernambuco, 2003-2006. *Interações (Campo Grande)*, 9(1): 65-76.
- Conselho Nacional da Reserva Bioma Caatinga. Cenários para bioma caatinga. Recife: SECTMA, 2004.
- CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Serra Talhada, estado de Pernambuco. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.
- Dias-Neto, J. 2010. Pesca no Brasil e seus aspectos institucionais – um registro para o futuro. *Revista CEPsul – Biodiversidade e Conservação Marinha*, 1(1): 66-80.
- Diegues, A. C. (1973) Pesca e marginalização no litoral paulista. São Paulo, Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo.
- Diegues, A. C. (1999) A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, 3(2): 361-375.
- Diegues, A.C. & Arruda, R.S.V. (orgs.). 2000. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo, USP. 176 p.
- DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. História. Disponível em < http://www.dnocs.gov.br/php/comunicacao/registros.php?f_registro=2&>. Acesso em 07 de junho de 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Histórico de Municípios. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/GEZ>>. Acesso em 10 maio de 2016.
- Lima, A. C. C. & Callou, A. B. F. (2015) Políticas públicas e assistência técnica para pesca artesanal em Pernambuco. *Contexto & Educação*, 95: 93-116.
- Lima, M. A. L., Doria, C. R. C. & Freitas, C. E. C. (2012) Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na Amazônia Brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, 15(2): 73-90.

- Lira, L., Pedrosa, B.M.J., Souza, M.M.C.S., Leite, C.A.L., Leite, A.P.A., Farias, A.M.F. & Galvão, C. (2009) Diagnóstico Socioeconômico da Pesca Artesanal do Litoral de Pernambuco. Instituto Oceanário de Pernambuco. Recife.
- Maneschy, M.C., Siqueira, D. & Alvares, M.L.M. (2012) Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista de Estudos Feministas*, 20(3): 713 - 737.
- Maruyama, L. S., Castro, P. M. G. & Paiva, P. (2009) Pesca artesanal no Médio e Baixo Tietê, São Paulo, Brasil: aspectos estruturais e socioeconômicos. *Boletim do Instituto da Pesca*, São Paulo, 35(1): 61-81.
- Mendonça, S. A. T. & Valencio, N. F. L. S. (2008) O papel da modernidade no rompimento da tradição: As políticas da SEAP como dissolução do modo de vida da pesca artesanal. *Boletim do Instituto de Pesca*, São Paulo, 34(1): 107 - 116.
- Mesquita, E. M. C & Isaac-Nahum, V. J. (2015) Traditional knowledge and artisanal fishing technology on the Xingu River in Pará, Brazil. *Braz. J. Biol.*, 75 (3): 138-157 <http://dx.doi.org/10.1590/1519-6984.01314BM>
- MPA. (2012) Boletim do Registro Geral da Pesca. Ministério da Pesca e Aquicultura, Brasil, 46p.
- Nery, A. C. (1995) Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia – Zona do Salgado – Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia*, 11(2): 199-293.
- Oliveira, O. M. B. A. & Silva, V. L. (2012) O processo de industrialização do setor pesqueiro e a desestruturação da pesca artesanal no Brasil a partir do Código de Pesca de 1967. *Sequência*, 65: 329-357.
- Pieve S. M. N., Kubo, R.R. & Souza, G.C. (2009) Pescadores da Lagoa Mirim: Etnoecologia e Resiliência. MDA. Brasília, Brasil.
- Ramires, M., Clauzet, M., Rotundo, M. M. & Begossi, A. (2012) A pesca e os pescadores artesanais de Ilhabela (SP), Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*, São Paulo, 38(3): 38(3): 231 – 246.
- Sadler, G.R., Lee, H.C., Lim, R.S. & Fullerton, J. (2010) Recruitment of hard-to-reach population subgroups via adaptations of the snowball sampling strategy. *Nursing & Health Sciences*, 12(3): 369 - 374.
- SECTMA. 2004. Conselho Nacional da Reserva Bioma Caatinga. Cenários para bioma caatinga. Recife
- Silva, L.C.M. & Neto, M.F.C. (2015) Problemas socioambientais e pesca artesanal no Nordeste do Brasil. *Extramuros*, 3(2): 189 – 205.